

DECLARAÇÃO POLÍTICA

Presidente do Grupo Parlamentar do PS Açores

Berto Messias

Situação Política Nacional

Senhor Presidente

Senhoras e Senhores Deputados

Senhores membros do Governo

Vivemos hoje tempos muito difíceis.

Tempos em que estamos assolados por uma crise económica e social de dimensão mundial, que continua a condicionar negativamente a vida de todos.

Estes são, por isso, tempos que exigem uma enorme responsabilidade de todos, sobretudo dos agentes do sistema político.

Infelizmente, os episódios dos últimos dias protagonizados pelo PSD e pelo CDS-PP, dignos das melhores telenovelas mexicanas da actualidade, têm sido um péssimo contributo para isso.

Na passada semana o País assistiu incrédulo ao agudizar de uma crise política provocada por quem tinha a obrigação de assegurar a estabilidade governativa.

Em apenas 48 horas, o Governo de Portugal perdeu consecutivamente o número dois e o número três do Executivo.

Primeiro foi o Ministro de Estado e das Finanças a admitir publicamente o falhanço das políticas do Governo e a ausência de liderança do Primeiro-Ministro.

A carta de demissão de Vítor Gaspar ficará na História política de Portugal como o reconhecimento inequívoco do insucesso das políticas de um Governo.

Finalmente, a realidade impôs-se e Vítor Gaspar reconheceu que o experimentalismo político levado a cabo pelo Governo do PSD e do CDS estava a arruinar o País.

Mas, como se isso não bastasse, apenas 24 horas depois deste terramoto político, o líder do CDS/PP e Ministro de Estado surpreende tudo e todos ao anunciar a sua decisão irrevogável de se demitir do Governo sem deixar de criticar severamente o chefe do Executivo.

Nunca, em tão pouco tempo, alguém fez tanto mal à credibilidade e estabilidade política em Portugal como os Presidentes do PSD e do CDS.

Em apenas 48 horas, a irresponsabilidade e o egocentrismo tomaram conta do Governo do nosso País.

O interesse nacional, a estabilidade e a responsabilidade fundamentais nesta fase foram, irrevogavelmente, postos em causa.

PSD e CDS são, por isso, os grandes responsáveis pelo episódio mais irresponsável da política portuguesa nas últimas décadas.

Depois de todos os sacrifícios impostos às famílias e às empresas, depois de todo o sofrimento, de milhares de empresas falidas e de milhares de famílias insolventes, a coligação da desgraça nacional resolve, com profundo desrespeito e intolerável indiferença, desmerecer os sacrifícios que impuseram a milhões de portugueses.

Este harakiri político do Governo do PSD e do CDS-PP, para além do reconhecimento do seu falhanço, foi, porventura, o ato de maior inutilidade política de que há memória.

A solução apresentada pelo PSD e pelo CDS, pelo histórico de insucesso, pela total ausência de credibilidade e pelo percurso de enorme irresponsabilidade está votada ao insucesso.

É fundamental, por isso, - em nome da democracia, da legitimidade democrática e do normal funcionamento das instituições – devolver a palavra aos portugueses.

Nenhum Português acredita num Governo que num dia está irrevogavelmente demitido e no outro irremediavelmente rendido à troca de cadeiras e de lugares ministeriais.

É por isso fundamental fazer valer a regra de ouro da democracia e deixar que os eleitores se pronunciem.

Portugal precisa de eleições. Para que tudo seja clarificado.

Portugal precisa de um Governo de salvação nacional legitimado pelas urnas.

Um Governo que ofereça uma alternativa de responsabilidade, credibilidade e esperança.

Um Governo que aposte no crescimento económico e na criação de postos de trabalho.

Um Governo que seja capaz de negociar com os nossos credores e que não se limite, como até aqui, a ser uma espécie de porta-voz da troika em Portugal.

Um Governo que seja capaz de criar consensos e compromissos, de criar um consenso alargado a vários anos em sectores estratégicos, sob pena de não estarmos à altura de ultrapassar as dificuldades com que estamos confrontados.

E não podemos ter medo de eleições. Não podemos ter medo da Democracia.

Dizer que precisamos de estabilidade recusando, por isso, a pronúncia dos portugueses, é uma subversão completa do nosso estado de direito, que nos remete para tempos da velha senhora de que ninguém tem saudades.

Senhor Presidente

Senhoras e senhores deputados

Apesar de vivermos numa Região Autónoma, as políticas nacionais têm, também, um efeito negativo nos Açores.

A insensibilidade social materializada nos cortes nas prestações sociais, o aumento de impostos e as políticas de austeridade originárias de uma grande retração com efeitos ao nível do consumo e do investimento privado têm contribuído negativamente para a qualidade de vida dos açorianos.

Apesar dos esforços do Governo dos Açores que, a contraciclo, tudo tem feito para contrariar a austeridade nacional e os efeitos da crise económica e financeira, é muito claro que a instabilidade e as más políticas nacionais podem destruir as boas políticas regionais.

Mas continuamos empenhados em, apesar dos constrangimentos, em fazer diferente, reafirmando que a via açoriana para o desenvolvimento não é mera retórica politico-partidária, mas é uma evidência confirmada todos os dias pela acção política do Governo e do Partido Socialista.

Veja-se exemplos concretos muito recentes:

O facto da Troika referir que as contas dos Açores não carecem de atenção especial ou de controlo adicional; o facto de no sector da educação haver estabilidade e os sindicatos terem decidido não fazer greve na Região, em contraponto com a confusão geral na greve aos exames nacionais; o facto de o Governo dos Açores pagar os subsídios de férias no mês de Julho, quando na República isso acontecerá apenas em Novembro; o facto de na Região os trabalhadores da administração pública regional não serem afectados pelo

regime de mobilidade especial, garantindo assim que os funcionários públicos do quadro manterão os seus empregos e não irão ter redução dos seus vencimentos ou o facto de os sindicatos dos enfermeiros terem anunciado que não farão greve nos Açores são exemplos concretos que comprovam esta forma de fazer diferente.

Isso deve ser motivo de satisfação, porque esta estabilidade e esta forma de acção política que defende os nossos concidadãos, tem a virtude de ser um capital reivindicativo muito relevante, numa altura em que a crise e as dificuldades financeiras servem de desculpa para tudo, podendo fazer perigar as conquistas da Autonomia Regional.

Todos os sucessos da governação nos Açores não são sucessos do PS ou do Governo, são sucessos dos Açores que servirão de bom exemplo e de mais-valias para conseguir mais e melhor para a nossa Terra.

É por isso que, todos os atropelos que se têm verificado no nosso País não nos devem fazer baixar a guarda, contra aqueles que em nome da crise e de colunas de folhas de excel tentam, todos os dias, fugir às suas responsabilidades no financiamento das funções do Estado na Região e diminuir as nossas competências autonómicas.

A suposta reforma do Estado e das suas funções sociais não pode resvalar para qualquer esvaziamento ou desresponsabilização do Estado para com os açorianos. E todos, todos sem excepção, devem estar alerta e devem

contrariar qualquer tendência centralista que tenha como agenda escondida asfixiar-nos financeiramente para nos condicionar politicamente.

É por isso que a estabilidade política e a maturidade democrática que se verificam nos Açores são um referencial importante, em contraponto com a infeliz confusão que acontece actualmente no nosso País.

Precisamos assim, de consensos, de compromissos e que todos se mobilizem na construção de ideias e de propostas para a defesa da nossa Terra.

Temos de continuar este caminho. Um caminho de defesa intransigente dos Açores.

E fazemo-lo com estabilidade e com responsabilidade.

Fazemo-lo com os açorianos. Fazemo-lo disponíveis para o diálogo e para a promoção de consensos e de compromissos com todos os agentes do sistema político.

Este não é o tempo da crispação político-partidária inconsequente. É sempre tempo da confrontação acesa e intensa de ideias e de pontos de vista, mas não é o tempo da guerrilha estéril.

Este não é o tempo da recuperação de narrativas passadas que não levaram a lado nenhum e que desmereceram e diminuíram o nome dos Açores.

Este é o tempo de, no cumprimento dos mais básicos valores da democracia, darmos uma lição de maturidade democrática e de sentido de Estado ao resto do país.

Afirmo-o como dirigente do Partido Socialista, o partido que tem sido uma referência de transparência e de boas práticas democráticas. O partido que se auto limitou com a lei de limitação de mandatos; o Partido que propôs e aprovou uma lei eleitoral que, felizmente, tornou este parlamento mais plural e com mais partidos; o partido que respeita a oposição como em mais nenhum local deste país e que nunca se acomodou à sombra de uma maioria absoluta (que lhe foi conferida pelos açorianos) e que esteve sempre para promover consensos e acordos; um partido que respeita todos, mas que não aceita lições de democracia e de respeito de ninguém neste Parlamento.

Sr. Presidente

Sras. e srs. deputados

E que fique claro.

Nenhuma campanha difamatória, nenhuma campanha de intoxicação mediática, nenhum terrorismo nas redes sociais, nenhuma insinuação ou especulação ou nenhuma tentativa de assassinato de carácter nos condicionará ou nos desviará dos nossos propósitos – defender os Açores e os açorianos, seja contra quem for.

Este é o tempo de, mais uma vez, fazer diferente nos Açores. De afirmar a estabilidade e a responsabilidade como uma referência inquestionável para Portugal.

Quem quiser fazê-lo, junte-se a nós. Estaremos sempre disponíveis para o diálogo.

Quem quiser perder-se na guerrilha, na trica, na politiquice, ficará a falar sozinho, porque não estaremos disponíveis para esse registo.

Não estaremos disponíveis para alimentar debates políticos que não resolvem os problemas dos açorianos.

Os nossos adversários não são os partidos da oposição, com o respeito que merecem. Os nossos adversários são a crise, o desemprego, os problemas sociais, e é esses que combateremos todos os dias, e esperamos que todos estejam disponíveis para contribuir para um caminho de sucesso no combate a estes problemas.

Não nos desviaremos dos nossos objectivos de continuar a defender a nossa terra e os nossos concidadãos.

Disse....

Berto Messias – Presidente do Grupo Parlamentar do PS Açores

Sala das Sessões, Horta 10 de julho de 2013